

---

ELEMENTOS PROSÓDICOS: DIFICULDADES DE ABORDAGEM  
E PERSPECTIVAS DE ESTUDO\*

---

IRENE ZASIMOWICZ PINTO CALAÇA\*\*

---

RESUMO

Neste trabalho examinamos brevemente os elementos prosódicos mostrando algumas dificuldades encontradas em sua descrição e salientando a necessidade de ampliar o estudo deste campo bastante complexo sob as mais diversas perspectivas, a fim de que possamos aproximá-lo da realidade lingüística existente.

PALAVRAS-CHAVE: Prosódia, elementos prosódicos, frase fonológica.

De acordo com Cagliari (1992, 1993), quando transcrevemos foneticamente enunciados deparamos com elementos segmentais que correspondem aos fones dos alfabetos fonéticos e com elementos supra-segmentais (ou prosódicos) que podem ser divididos em dois grandes grupos. O primeiro reúne elementos que modificam segmentos (indicando sua labialização, palatalização etc.), e o segundo grupo contém indicações de intensidade, traços de tom, duração, pausa, entonação, entre outros, pertencentes a um ou mais segmentos. Os elementos desse segundo grupo são mais comumente aceitos como *traços prosódicos (TP)* ou *supra-segmentais*.

Embora a prosódia faça parte da essência da linguagem, poucos são os seus componentes que aparecem incorporados em descrições lingüísticas, o que poderia ser explicado pelas palavras de Kindell (1981, p. 157): “Freqüentemente [...] os traços prosódicos estão inter-relacionados, um sendo o traço condicionante do outro, ou sendo percebido pela presença do outro”.

---

\* Trabalho realizado a partir da comunicação “Elementos prosódicos: algumas perspectivas de estudo”, apresentada no II Seminário Nacional de Lingüística e Língua Portuguesa (FL/UFG), em 26 de novembro de 1999.

\*\* Mestre em Letras e Lingüística pela Universidade Federal de Goiás, Doutoranda pela UFG.

Como se infere por essa afirmação, a descrição dos TP é difícil, porém não impossível, uma vez que estes não deixam de ser elementos lingüísticos – finitos, portanto.

Os TP atuam destacando ou diminuindo o valor interpretativo daquilo que se enuncia, ou seja, criando uma hierarquia tônica que mantém a coesão do enunciado e facilita sua assimilação pelo ouvinte.

A modulação significativa dos elementos de um texto – sua “valorização” ou não sob o ponto de vista prosódico – é conseguida através de recursos como:

(1) alternância de elementos proeminentes (tônicos) e não-proeminentes (átonos). Esta alternância de tonicidade a que nos referimos forma a “cadência”, o ritmo da linguagem e está presente em diferentes níveis que não se confundem, como no da *sílaba*, onde os vocóides formam um pico de tonicidade ao lado dos contóides (menos proeminentes); no da *palavra*, constituída de sílabas átonas agrupadas próximas à sílaba tônica, portadora de acento (um elemento estruturante); ou mesmo no do *sintagma fonológico* (ou *frase fonológica*), *enunciado*<sup>1</sup>... – os níveis inferiores inserindo-se completamente nos de hierarquia superior num encaixe sistemático, como na ilustração abaixo:

Enunciado  
Frase entonacional  
Sintagma fonológico  
Palavra fonológica

(2) através do “jogo” de hierarquias tonais – alterações de tons simples e compostos no âmbito dos enunciados. Cada língua possui um rol de combinações tonais que encontra-se à disposição de seu usuário.<sup>2</sup> A escolha de uma ou outra variante acarreta diferenças gramaticais significativas que se relacionam diretamente com o conteúdo da mensagem, i.e., com a organização dos elementos já conhecidos (“tema”, “tópico”) e novos (“rema”, “comentário”) dentro do enunciado;<sup>3</sup>

(3) através de pausas – pequenas interrupções sonoras no enunciado que limitam os constituintes –, que podem ser reais ou virtuais (estas últimas manifestas através de alternâncias bruscas na frequência fundamental entre sintagmas fonológicos, que causam uma “sensação de pausa” no ouvinte<sup>4</sup>);

(4) tessituras (alternâncias melódicas do enunciado): palavras e frases inseridas no discurso principal e diferenciadas pela elevação ou abaixamento tonal;

(5) organização temporal do discurso pelo falante, que o pronuncia ora rápida, ora lentamente. Quase sempre a informação principal e a raiz das palavras (núcleos tônicos e/ou semânticos) são pronunciadas de forma mais lenta, o que auxilia na manutenção da coesão do enunciado;

(6) existência de alterações de cunho fonético, bem como de regras fonológicas e de projeção atuando exclusivamente no nível de cada um dos constituintes prosódicos, entre outros. Por exemplo, no falar de uma das variedades lingüísticas de Goiás, quando dois vocóides iguais ou semelhantes encontram-se na fronteira de um sintagma fonológico passam a formar um hiato, sendo conservados (exemplos retirados de CALAÇA, 1999, p. 64-66):

era gostos[ u || u ] salgadinho  
resum [ u || u ]s exercício

Já no interior do sintagma fonológico são comuns elisões:

É [p'] causa||  
A par [t'] do juiz||

A grande maioria daqueles que estudam traços prosódicos restringe-se a domínios iguais ou menores que os da palavra ou então a frases. Assim, de um lado temos descrições prosódicas de sílabas e pés, nas quais são enquadradas as descrições de padrões entonacionais maiores, como os das palavras e sintagmas fonológicos; e de outro lado temos descrições entonacionais de frases isoladas, quase sempre centradas em dados puramente físicos – trabalhados às vezes estatisticamente –, porém distantes do papel real exercido pela prosódia no discurso. Tal descrição física é necessária, porém não é o único fator a nos revelar o funcionamento da linguagem oral, como veremos adiante.

Domínios intermediários, como os do “sintagma fonológico” (também conhecido como “frase fonológica”), são pouco examinados sob a perspectiva prosódica. Inclusive, um dos estudos mais significativos sobre os constituintes prosódicos, e, dentre os quais, sobre a “frase fonológica” – o trabalho de Nespore e Vogel, *A prosódia* (1994) – não

esclarece muitos pontos que poderiam ser visualizados no seguinte exemplo de Frota (1994, p. 82):

[Así alunas], [todas],í [ofereceram-lhe], [rosas],

Nesse exemplo, como os fatores prosódicos deixaram de ser registrados, as divisões efetuadas não lembram sintagmas (frases) fonológico(a)s, mas sim clíticos isolados e dispostos lado a lado. Na referida transliteração, a inserção de elementos prosódicos (tais como acento, velocidade de enunciação, duração) nos auxiliaria a determinar os limites de cada sintagma. Mas de que maneira isso poderia ser feito? No caso específico seria primordial a indicação do acento sintagmático, que poderia ser realizada através de grades métricas ou de símbolos convencionais modificados de acordo com a necessidade. As grades métricas, apesar de proporcionarem uma visualização bastante rápida, ocupam um grande espaço físico, o que seria uma desvantagem em análises de textos mais longos, enquanto símbolos antigos poderiam receber uma nova convenção e se adaptar melhor a tais situações. Por exemplo, os símbolos de tonicidade primária e secundária poderiam vir a indicar, respectivamente, o núcleo tônico do sintagma (´) e seu acento secundário (Ç). A indicação do núcleo tônico durante o estudo do sintagma fonológico é de suma importância, visto termos constatado (CALAÇA, 1999) que, na cadeia da fala, a palavra passa a integrar novos e complexos níveis, perdendo parcialmente sua autonomia. Os acentos tônicos individuais das mesmas passam a ser secundários em relação à palavra-núcleo daquele sintagma. Esse núcleo tônico é pronunciado com maior intensidade e lentidão que os demais elementos, podendo ser assim determinado:

(1) por sua posição sintática – marcada ou não. O português, por exemplo, é uma língua com árvore sintática normalmente ramificada à direita. Dessa forma, em enunciados não-marcados a última palavra à direita seria o nó mais forte:

X	X
X	X
X X	X X
lua pálida	os cozinheiros gordos

ou

lua ‘pálida’

os cozinheiros ‘gordos’

Contudo, enunciados estilisticamente marcados são encontrados em grande número. Por exemplo, quando adjetivos antecedem substantivos. Nesses casos, ambos formam “uma espécie de grupo fraseológico, no qual ambos elementos perdem um pouco do seu valor, em proveito do conjunto” (LAPA, 1991, p. 106), gerando flutuações tônicas:

X		X		X		X
X	X	X		X		X
X	X	X	X	X	X	X

Gordos cozinheiros bastante veiculado/conceito veiculado conceito

Assim, tal grupo fraseológico parece ocorrer pelo fato de intuirmos a posição pospositiva do adjetivo. Encontrando-se ele deslocado (num texto escrito, por exemplo), buscaremos salientá-lo entonacionalmente. Porém, como a última palavra à direita dentro do sintagma fonológico (no caso, o substantivo) atrai nossa atenção mecanicamente, sentir-nos-emos divididos, o que gera flutuações na pronúncia do centroônico, como vimos acima.

(2) sob o ponto de vista semântico, através da presença de intensificadores, quantificadores e negações que também geram significativas alterações tonais, na maioria das vezes atraindo para si o acento nuclear do sintagma a que pertencem.

X				X
X				X
X	X		X	X

os elefantes todos                      os elefantes todos

Prossigamos: a prosódia relaciona-se com elementos de diferentes níveis lingüísticos – semânticos, fonéticos, sintáticos etc. –, o que representa um problema para teorias prosódicas “que parecem funcionar de maneira mais coerente sem eles [os elementos prosódicos]”, de acordo com as palavras de Soares (1989, p. 65). Cagliari (1993) completa,

afirmando que muitos estudiosos da “linguagem oral” evitam a prosódia em seus trabalhos e aconselha:

Abstrair a prosódia pode ser uma opção preliminar em alguns casos, mas não pode ser uma decisão para todo o sempre. Quanto mais trabalhos tivermos sem essa preocupação globalizante de levar em conta todos os elementos da linguagem oral, incorreremos mais no perigo de um dia ter que jogar tudo no lixo e começar tudo de novo, porque o que se descrevia não era a linguagem oral propriamente dita, mas apenas um simulacro mal construído. (CAGLIARI, 1993, p. 42-43)

Dificuldades na manipulação de questões prosódicas podem ser sentidas nas mais diferentes perspectivas de seu estudo:

(1) Se a tomarmos sob o ponto de vista de sua produção, veremos que tem sua origem no hemisfério direito do cérebro, considerado

não dominante para o tratamento e processamento lingüísticos, [o que] defronta-se com o pressuposto gerativista clássico acerca da modularidade da mente e com a questão da lateralização hemisférica para a linguagem. (FREITAS e MORATO, 1994, p. 712 e 719)

Com isso, a neurolingüística vinha considerando a prosódia como elemento paralingüístico. Porém, casos envolvendo indivíduos com desvios prosódicos (disprosódia) apontam a necessidade de rever este postulado, pois, de acordo com Freitas e Morato (1994, p. 713, 718), sujeitos com afásia de elementos léxico-semânticos buscam superar suas deficiências com o uso excessivo de possibilidades rítmicas (hiperprosódia); e sujeitos com distúrbios rítmicos-entonacionais, por outro lado, buscam manter a coesão do enunciado através de alongamentos de pausas. Esta constatação reafirma o fato de a prosódia ser um elemento lingüístico e chama a atenção dos próprios lingüistas para a necessidade de aprofundarem e difundirem seu trabalho juntamente com médicos e psiquiatras, a fim de analisar e reinterpretar estas e outras perturbações da fala, trazendo ao conhecimento da comunidade acadêmica dados novos.

(2) Acusticamente, a prosódia vem sendo estudada, porém, como os elementos prosódicos estão intimamente ligados à estrutura do discurso, sua descrição e interpretação não ocorrem com facilidade. Além do

mais, a utilização de máquinas no registro da prosódia ainda é ineficiente, uma vez que

O ouvido humano faz uma análise que nenhuma máquina é capaz de fazer [...] a máquina só registra o resultado final do ritmo da fala. O ouvido estabelece uma diferença entre variação rítmica e a variação da velocidade da fala, mas a máquina não. O ouvido ouve o ritmo tendo em vista uma interpretação lingüística (do sistema da língua) mas a máquina não [...]. (CAGLIARI e ABAURRE, 1986, p. 43)

Assim, mostra-se necessária a conciliação do trabalho homem-máquina, um auxiliando o outro na interpretação dos dados obtidos.

(3) Fonologicamente, diversas são as teorias pós-gerativas que abraçam uma ou outra perspectiva prosódica (fonologias métrica, autossegmental e natural), mas, de acordo com Soares (1989), a maioria delas fecham-se em si mesmas ao descreverem a prosódia: explicam-na em termos estritamente fonológicos, isolam-na, ignoram sua relação com outros segmentos. Embora esta atitude já comece a ser revista (no exterior já é possível vermos a análise prosódica ser realizada lado a lado com a análise sintática, como uma forma de complementar esta última),<sup>5</sup> poucos foram os passos dados nessa direção.

Como pudemos ver, é grande a necessidade de repensar os estudos prosódicos, aproximando-os tanto da linguagem oral como da própria análise lingüística, a fim de que não apenas se compreenda melhor a verdadeira essência da linguagem, como também se criem mais subsídios para o ensino da língua materna.

#### ABSTRACT

This paper examines the prosodic elements and some problems of their description. By the way it tries to show the necessity to make more detailed study in this area, bringing it nearer to linguistic reality.

KEY WORDS: Prosody, prosodic elements, phonological phrase.

---

## NOTAS

1. Nespor e Vogel (1994) idealizaram a Teoria dos Constituintes Prosódicos, os quais estariam relacionados hierarquicamente entre si e poderiam distribuir-se em sete níveis, que, num crescendo, seriam: *sílaba, pé, palavra fonológica, grupo clítico, frase fonológica* (também conhecida como “sintagma fonológico” – termo que utilizamos neste trabalho), *frase entonacional e enunciado*.
2. Em Cagliari (1978) encontramos uma análise de significados expressos entonacionalmente, bem como de tons compostos no Português.
3. A organização funcional dos elementos do enunciado foi bastante estudada por Ilari (1992).
4. Mais detalhes sobre as “pausas virtuais” podem ser obtidos em Calaça (1999, p. 47ss).
5. Como na Rússia, por exemplo.

## REFERÊNCIAS

- CAGLIARI, Luiz Carlos. *Entoação do português brasileiro (I)*. Campinas: Unicamp, 1978. Mimeografado.
- \_\_\_\_\_. Prosódia: algumas funções dos supra-segmentos. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*. Campinas, n. 23, p. 137-151, jul/dez. 1992.
- \_\_\_\_\_. Da importância da prosódia na descrição de fatos gramaticais. In: ILARI, Rodolfo (Org.). *Gramática do português falado*. 2.ed. Campinas: Unicamp, 1993.
- CAGLIARI, Luiz Carlos; ABAURRE, Maria Bernadete. Elementos para uma investigação instrumental das relações entre padrões rítmicos e processos fonológicos no português brasileiro. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*. Campinas, p. 39-57, jan. 1986.
- CALAÇA, Irene Zasimowicz Pinto. *A frase fonológica numa variedade lingüística goiana*. 1999. Dissertação (Mestrado em Letras e Lingüística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás.
- FREITAS, Margareth de Souza; MORATO, Edwiges Maria. Correlatos lingüísticos e cognitivos envolvidos na alteração de elementos prosódicos. In: SEMINÁRIOS DO GRUPO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, 41, 1994, Ribeirão Preto. *Anais...* Ribeirão Preto, 1994.

- FROTA, Sônia. Aspectos da prosódia e do foco no Português Europeu. In: *Letras de Hoje*. Porto Alegre, v. 29, n. 4, p. 77-99, dez., 1994.
- ILARI, Rodolfo. *Perspectiva funcional da frase portuguesa*. 2. ed. Campinas: Unicamp, 1992. (Série Teses)
- KINDELL, Gloria Elaine. *Guia de análise fonológica*. Brasília: SIL, 1981.
- LAPA, Manuel Rodrigues. *Estilística da língua portuguesa*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- SOARES, Marília Facó. Suprasegmentos e fonologias pós-gerativas: teorias de domínios e processos. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*. Campinas, n.16, p. 65-73, jan./jun. 1989.
- NESPOR, Marina; VOGEL, Irene. *La prosodia*. Madrid: Visor Distribuciones, 1994.